

CÂMARA CASCUDO E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR PELA NARRATIVA DO OUTRO

Omar Guilherme TIZZOT FILHO¹

Resumo

O artigo discute a obra *Antologia do Folclore Brasileiro*, organizada por Câmara Cascudo em 1944. Apesar do conservadorismo do autor, trata-se como referência para valorização da cultura popular, na perspectiva de Chartier de que a apropriação do leitor é livre, independente do organizador. As narrativas da obra foram feitas por cronistas, viajantes estrangeiros e estudiosos brasileiros. O artigo se concentra nas duas primeiras categorias, atingindo o período do século XVI ao século XIX. Há diversidade de intenções e opiniões, fornecendo um panorama diversificado do folclore como elemento para a construção da identidade brasileira baseada na tolerância do discurso alheio.

Palavras-chave: Folclore. Cultura Popular. Câmara Cascudo. Intelectuais brasileiros. Professores brasileiros.

Abstract

The article discusses the work *Antologia do Folclore Brasileiro*, organized by Câmara Cascudo in 1944. Despite the author's conservatism, it is a reference for valuing popular culture, in Chartier's perspective that the readers's appropriation is free, regardless of the organizer. The narratives of the work were made by chroniclers, foreign travelers, and brazilian scholars. The is a diversity of intentions and opinions, providing a diverse overview of folklore as an element article focuses on the first two categories, reaching the period from the 16th to the 18th century. There for the construction of brazilian identity based on the tolerance of others' discourse.

Keywords: Folklore. Popular Culture. Câmara Cascudo. Brazilian intellectuals. Brazilian teachers.

Intelectuais que se dedicaram ao entendimento da diversidade cultural da nação brasileira deixaram um legado sempre instigante a ser estudado. Exemplo típico é Luís da Câmara Cascudo, intelectual e professor que escolheu a cultura popular brasileira como objeto de pesquisa, tendo nascido em 1898 em Natal e permanecido fiel às raízes nordestinas ao longo de toda a vida, deixando uma vasta bibliografia importante para a análise da construção

¹Doutor pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, email: omair.filho@usp.br

intelectual da identidade nacional brasileira. Nascido em família tradicional, porém financeiramente instável, Câmara Cascudo teve que se formar bacharel para conseguir ascender profissionalmente, mantendo ao longo da vida os valores aristocráticos familiares, o que influenciou inclusive sua pesquisa sobre a cultura popular (SOUZA, 2006, p.191). A sua atuação como folclorista foi considerada por Mario de Andrade como um divisor de águas pela seriedade de tratamento do tema em oposição ao amadorismo, o que abrangeu a coleta de material folclórico de forma sistemática, partindo de critérios científicos (SOUZA, 2006, p. 210).

O texto a seguir procura explorar aspectos de uma obra importante em sua trajetória, a *Antologia do Folclore Brasileiro*, cuja primeira edição é datada de 1944, em diálogo com a perspectiva teórica de Roger Chartier, que auxilia o estudo do texto impresso como material para fonte e objeto de pesquisa, analisando a importância da referida obra para utilização como forma de resistência por meio da valorização da cultura popular dentro e fora do ambiente escolar. Ainda que Câmara Cascudo seja um intelectual de característica conservadora, o uso do seu legado para o conhecimento das manifestações populares autênticas permanece extremamente atual. Ao mesmo tempo em que o autor procurou resgatar a nostalgia de um universo que percebia estar sucumbindo ao crescimento das cidades, sua obra demonstra a esperança da persistência da tradição e o entendimento de que a modernidade era inevitável (SILVA, 2006, p. 202). Parte-se do pressuposto que a ordem da obra originariamente proposta pela autoridade que autorizou ou permitiu a sua publicação jamais poderia anular a liberdade dos leitores de apropriação (CHARTIER, 1999, p.8), o que possibilita que o conjunto bibliográfico de coleta folclórica de Cascudo possa ser utilizado amplamente para a atividade educativa de incentivo ao conhecimento da cultura popular.

Câmara Cascudo procurou na *Antologia do Folclore Brasileiro* abranger um vasto período de coleta folclórica nacional desde o século XVI até o XX, feita tanto por cronistas e viajantes estrangeiros como por estudiosos brasileiros, acreditando que deveria ser fornecido aos leitores um panorama tão amplo quanto possível com os textos elaborados a partir de propostas diversas, não necessariamente científicas. A atuação de Câmara Cascudo nesta e em outras obras de sua bibliografia permite que ele seja caracterizado como um intelectual mediador, que direcionou os esforços para que os elementos folclóricos pudessem ser reconhecidos como componentes importantes para a formação nacional. Os textos originais compilados pelo autor em função da experiência adquirida no estudo do folclore brasileiro traduzem o empenho de um sujeito que se utilizou de estratégias e linguagens aperfeiçoadas

para levar o conhecimento que tanto valorizava a um público mais amplo, incorporando os escritos do passado para apreciação de seus leitores e produzindo algo novo a partir da compilação de antigas referências (GOMES, HANSEN, 2016, p.19).

A seleção de textos apresentada pelo autor foi uma mostra dos mais diferenciados olhares sobre o outro, notadamente de europeus e brasileiros formados na tradição do velho continente que apresentaram sua visão sobre as histórias de negros e índios às quais tiveram acesso. As representações dos narradores selecionados por Câmara Cascudo atuaram no sentido de trazer ao leitor um conhecimento mediato que possibilitasse o acesso a um objeto ausente, construindo uma imagem a partir da memória para mostrar ao leitor do que se tratava (CHARTIER, 1991, p.184).

Na modernidade europeia do início do século XX foram valorizados padrões estéticos diferentes do velho continente, o que provocou no Brasil um movimento de valorização das manifestações de etnias africanas e americanas na reflexão intelectual sobre a identidade nacional, trajetória da qual o trabalho de Câmara Cascudo faz parte (SILVA, 2006, p.197). A organização da obra em questão foi dividida em três partes, sendo a primeira dedicada aos cronistas dos séculos XVI, XVII e XVIII, a segunda aos viajantes estrangeiros dos séculos XIX e XX e a terceira aos estudiosos brasileiros dos séculos XIX e XX. O texto a seguir se concentra nas duas primeiras partes da obra, abrangendo exemplos da seleção do autor do século XVI ao XIX, sendo a terceira parte objeto de análise em artigo posterior. Por meio da valorização da experiência da narrativa do outro, Câmara Cascudo procurou escolher um conjunto significativo para o entendimento da formação da identidade nacional. Para ele, a proposta não era apresentar o caráter pitoresco das histórias e sim coordenar a apresentação de textos que pudessem fornecer um panorama rico sobre a formação da cultura popular brasileira ao longo dos séculos pós-descobrimento. Por meio da publicação o autor reforçaria sua posição no topo da hierarquia dos pesquisadores do folclore nacional, posicionando sua visão em um campo em busca de autonomia onde atuavam intelectuais que procuravam apresentar suas representações sobre o que seria característico do ser brasileiro, espaço natural para disputas de diferentes pontos de vista e delimitação de fronteiras (BOURDIEU, 1989, p.70). O folclore para o autor seria algo a ser respeitado como natural para a formação nacional do brasileiro, um objeto de estudo científico, como demonstrado no trecho a seguir:

[...]Não consiste o FOLCLORE na obediência ao pitoresco, ao sertanejismo anedótico, ao amadorismo do caricatural e do cômico, numa caçada monótona ao pseudotípico, industrializando o popular. É uma ciência da

psicologia coletiva, com seus processos de pesquisa, seus métodos de classificação, sua finalidade em psiquiatria, educação, história, sociologia, antropologia, administração, política e religião.

Tentei apresentar os aspectos mais vivos do Povo brasileiro através de quatro séculos, uma observação a cada um dos elementos étnicos formadores.

Para essa galeria, foram chamados os Mortos, os precursores, os curiosos, os veteranos do FOLCLORE. Passam eles com suas intuições, suas explicações, aposentadas ou consagradas no Tempo, até atitudes claras, opiniões nítidas, indicando rumos escolhas, doutrinas, discutindo, cotejando, proclamando a melhor interpretação (CASCUDO, 2001, p.17).

Dentre os estrangeiros presentes na obra, aparecem nos textos personagens recorrentes na produção da historiografia brasileira que foram reproduzidos constantemente em livros didáticos, como os precursores na exploração do território Hans Staden, Padre Anchieta, Padre Manuel da Nobrega, Gabriel Soares de Souza, dentre outros, que procuraram narrar aquilo que tinham observado e que era totalmente diferenciado de sua vivência original, alimentando a fome de curiosidade que se tinha a respeito na Europa do “novo mundo”. Festividades, rituais, costumes e recepções são temas recorrentes nas narrativas destes primeiros exploradores. Religiosos do porte de Anchieta e Manuel da Nobrega foram destacados por Câmara Cascudo pelos relevantes serviços prestados para a civilização, posição coerente com o tradicionalismo do pesquisador. No caso de Nobrega, o autor o considera “grande missionário, constituiu elemento decisivo para a consolidação do domínio português nas imensas regiões (CASCUDO, 2001, p.28), enquanto Anchieta foi caracterizado como “impressionante figura de apóstolo, pregador, etnógrafo, cronista, gramático, teve ação desmarcada na sociedade que amanhecia” (CASCUDO, 2001, p. 30).

Com a leitura da obra é apresentado para o leitor todo um conjunto de referências que ativam símbolos familiares ao universo brasileiro pelas referências absorvidas ao longo da vida, incluindo a educação escolar. Os primeiros europeus exploradores do século XVI formaram imagens instigantes para o imaginário humano a partir das ideias que faziam parte de sua formação de matriz preponderantemente católica. Os exemplos coletados por Câmara Cascudo neste sentido são abundantes. O porte e força feminina das guerreiras Amazonas, que dominavam os outros índios, teve a força vencida pela coragem e proteção de Deus apresentada no depoimento de Gaspar de Carvajal. O canibalismo dos Tupinambás da qual quase foi vítima, as bebidas feitas pelas mulheres a partir da mandioca e o armamento de arco e flecha foram tratados por Hans Staden. A cerimônia do Maracá é apresentada pelo Padre Nóbrega, apresentando o poder dos feiticeiros na sociedade indígena, extremamente respeitado. Os espectros noturnos e demônios selvagens pelo Padre Anchieta, que exaltou

todo o pavor que os índios temiam da atuação demoníaca dos curupiras, o que seria causado em sua visão católica pelo desconhecimento de Deus. Jean de Léry se impressionou com o que vivenciou na dança de guerra dos Tupinambás, narrando a formação de círculos e a forte presença dos caraíbas que detinham um papel essencial no ritual.

A história da exploração das terras brasileiras, como apontado por Câmara Cascudo na apresentação de diversos autores de sua escolha, rendeu muitas vezes bons frutos econômicos literários, pelo interesse na narrativa daquilo que era muito diferente do continente europeu. De acordo com a perspectiva de análise de Chartier, “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos” (CHARTIER, 1991, p. 178), o que explica a formação de um público leitor europeu ávido pelas histórias que chegavam do além-mar, organizadas em formatos próprios para despertar a atenção. Dentre a seleção proposta na obra de Câmara Cascudo são abundantes os exemplos, como o caso do corsário inglês Anthony Knivet, que teve as aventuras brasileiras de dez anos publicadas com sucesso em 1626 na Europa. Dentre as experiências por este autor vividas, Câmara Cascudo selecionou o ritual de recepção guianás e o temor dos índios do espírito chamado Coropio (Curupira) e de estar possuído pelos espíritos chamados Avasatí. Outro exemplo foi o do frei capuchinho Ivo D’Evreux que publicou em 1615 a *Voyage au Brésil*², da qual foi selecionado o texto sobre o uso de indumentária de penas de Ema, cujo comportamento era fonte inspiradora exemplar para a força e coragem de atuação na guerra e o ritual de caçar formigas grossas cantando a fim de que elas saíam das cavernas em que se escondem. O Frei Abbeville publicou em 1612 a *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas*, em que destacou o conhecimento tupinambá das estrelas e demais astros do universo, com denominações e relações simbólicas próprias de sua cultura, como no caso da estrela de tom rubro que segundo a tradição acompanharia a lua bem de perto.

A certa estrela chamam os índios *januare*, cão. Dizem, ao verem a lua deitar-se, que a estrela late ao seu encaço escondida durante o tempo das chuvas, acontece surgir vermelha como sangue da primeira vez que se mostra. Afirmam então os índios que é por causa da estrela *januare* que a persegue para devorá-la. Quando a lua permanece muito tempo escondida durante o tempo das chuvas, acontece surgir vermelha como sangue da primeira vez que se mostra. [...] Os homens batem então no chão em sinal de alegria porque vão morrer e encontrar o avô a quem desejam boa saúde [...] As mulheres, porém têm medo da morte e por isso gritam, choram e se lamentam (ABBEVILLE apud CASCUDO, 2001, p. 45).

²Câmara Cascudo utilizou-se da tradução brasileira de 1929 denominada *Viagem ao Norte do Brasil*

Da primeira parte da publicação dedicada aos três primeiros séculos, os brasileiros escolhidos foram a minoria. O franciscano Frei Jaboaão foi um deles, que publicou em 1761 a obra *Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Nos trechos selecionados por Cascudo está mais uma narrativa a respeito do recorrente sinal da presença demoníaca, ocorrida na época da ocupação holandesa em Pernambuco. No caso específico, a narrativa trata da solicitação do próprio demônio incorporado em uma moça que solicitou a intervenção específica do Frei Pantalião de S. Catarina, morador do Convento de Santo Antônio de Pojuca. O demônio denunciou o mau comportamento dos holandeses na ocupação do território e precisou ser expulso duas vezes pelo referido frei, que teve a necessária presença para conseguir dominá-lo. Desta forma, a narrativa salientou a força moral do frade e o respeito e veneração imputados a ele depois do episódio pelos holandeses.

A tradição europeia de escrever a respeito das peculiaridades encontradas na terra brasileira permaneceu ao longo do século XIX, reforçada muitas vezes pelo interesse na obtenção do conhecimento científico da região. Os personagens tratados a seguir são exemplos de estrangeiros deste período cujas narrativas foram consideradas relevantes por Câmara Cascudo. Em 1820 o inglês John Luccock publicou as impressões que teve da passagem pelo Rio de Janeiro e sul do Brasil. Uma diferença marcante na alimentação apontada no relato foi o consumo de carne de carneiro, considerado muito fraco. A ausência deste hábito foi relacionada ao caráter cristão do brasileiro, uma vez que na tradição católica o cordeiro de Deus absorveu os pecados do mundo para a salvação da humanidade. A festa do entrudo em São Pedro do Sul também chamou a atenção do inglês, que relatou a ocorrência do evento no início da quaresma, período dedicado a folias. O entrudo foi apresentado como um momento em que as pessoas jogavam umas contra as outras bolas de cera ocas com água dentro com o objetivo de molhar o outro por divertimento.

Henry Koster, português filho de pais ingleses, foi apresentado como o Melhor e mais autorizado informante estrangeiro sobre o nordeste do Brasil, publicando em 1816 a obra *Travels in Brazil* (Cascudo, 2001, p. 71)³. Ele relatou a coroação do rei de Congo na Ilha de Itamaracá como ritual da festa anual de Nossa Senhora do Rosário dirigida pelos negros,

³A obra de Henry Koster foi traduzida pelo próprio Câmara Cascudo como *Viagens ao Nordeste do Brasil* em 1942, fazendo parte da Coleção Brasileira.

tratando da relação entre o rei eleito e a igreja católica, que deveria realizar a sua consagração, considerada de grande importância pela comunidade envolvida. Outra festa da narrativa de Koster selecionada por Câmara Cascudo foi o batismo do rei dos mouros, no qual o povo era dividido entre cristãos e mouros; como o rei dos primeiros exigia que o rei dos segundos recebesse o batismo, o que era naturalmente negado, iniciava-se a disputa. Após intensas batalhas, a vitória cabia aos cristãos, que finalmente conseguiam realizar o feito de converter o rei dos mouros.

O alemão Georg Freyreiss, que viajou com José Bonifácio e se dedicou no Brasil a estudos de emigração como a Colônia Leopoldina publicado em 1824, teve o livro *Viagem ao Interior do Brasil* traduzido em 1906 pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Ele destacou o hábito de colocação da cruz na estrada em um local onde a pessoa tivesse passado da condição de ser vivo para a de cadáver, a fim de que os transeuntes rezassem um pai nosso com o objetivo de livrar do purgatório uma alma que morreu repentinamente sem a possibilidade de absolvição. O caráter de violência foi relatado na sucessão de vinganças entre os índios Coroados de Minas Gerais, que se vingavam do assassinato de um membro da família realizando o mesmo com um membro da família do assassino. Dentre as festas, Freyreiss destacou a dança brasileira do batuque, salientando a sua sensualidade em função do dançarino do centro da roda tocar com a barriga na mesma região do corpo de um membro da roda, geralmente do sexo oposto. Salientou que a referida festa era combatida pela igreja católica, relatando um caso de padre que negou a absolvição a um paroquiano participante.

Jean Debret é sempre um nome presente na historiografia pela importância de sua participação na Missão Artística Francesa, tendo publicado na França de 1834 a 1839 o conjunto de sua obra posteriormente traduzida como *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. De sua narrativa, Câmara Cascudo destacou o Judas do sábado de aleluia, considerado por Debret como uma festa de fortíssima popularidade no Rio de Janeiro. A preparação do espetáculo de enforcamento do Judas é observada pelo francês tanto na população mais indigente quanto na mais abastada, sendo zelosamente preparado nos bairros comerciais, que montam também a figura do diabo utilizado como carrasco para a morte do personagem. O uso de bombas para a simulação de movimento das figuras montadas e fogos de artifício para a festa do sábado de aleluia são destacados para o alcance do efeito festivo desejado.

O botânico francês Saint-Hilaire publicou entre 1830 e 1851 sua obra a respeito das viagens que realizou pelo interior do Brasil. Câmara Cascudo considerou a edição das narrativas de viagem como um “infinito material vasto de Folclore e Etnografia tradicional”,

com “seis tomos indispensáveis e preciosos pela variedade da informação e veracidade do relato.” (Cascudo, 2001, p.85). Dos trechos escolhidos estão presentes a cerimônia de procissão da quarta feira de cinzas de São João Del Rei, a qual foi por Saint-Hilaire considerada irreverente no tratamento temático de personagens e acontecimentos bíblicos a que se devia muito respeito, criticando a forma como estaria sendo interpretada a representação original bíblica.

[...]A virgem, na sua Glória, rodeada de nuvens e querubins, era transportada em um dos andores, outras figuras representavam S. Francisco, recebendo do Papa a aprovação dos estatutos da sua ordem; noutra andor havia um grupo representando o milagre dos estigmas e, por fim, via-se ainda S. Francisco abraçado por Jesus Cristo. Essa série de figuras era de uma bizzarria extrema; havia, entretanto pior gosto no conjunto do que nas minúcias. As roupas convinham às personagens que as vestiam; as tintas eram frescas e não pude deixar de achar as imagens muito bem esculpidas, pensando, sobretudo, que elas o foram, no próprio lugar, por homens desprovidos de bons modelos (SAINT-HILAIRE apud CASCUDO, 2001, p. 86-87).

Foi também objeto da atenção de Saint-Hilaire o imaginário dos minhocões que habitavam a província de Goiaz, animais enormes que arrastavam para o fundo da água cavalos e bois, gerando uma série de desaparecimentos de animais. Tendo obtido a confirmação dos acontecimentos narrados por militar a quem respeitava, Saint-Hilaire tentou refletir cientificamente a respeito de qual espécie poderia ser. Outra festividade, a folia do divino, chamou-lhe a atenção a tropa de músicos e cantores que junto com um “imperador”, figura sorteada para cobrir os custos da festa de Pentecostes procurava angariar fundos junto à população para este fim, de modo que ela pudesse ser feita com a maior pompa possível. A adoção da cura com palavras e remédios simpáticos no interior também foi objeto do texto do autor, que narrou o ritual de cura da dor de dentes pela sugestão de desaparecimento do sofrimento. O ser imaginário “João do Campo” foi apresentado como alguém representativo da natureza a quem se poderia recorrer para uma travessia tranquila.

Karl von Martius se notabilizou na historiografia brasileira por ter sido escolhido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como referência pela publicação em 1845 do texto orientativo sobre como se deveria escrever a história do Brasil. Entre 1817 e 1820 viajou com o zoológico Johann Von Spix para estudar a botânica tropical a mando do rei da Baviera. Câmara Cascudo apontou a importância e abrangência da atuação da dupla, e selecionou trechos da obra *Viagem pelo Brasil*, escrita quase totalmente por Martius.

[...]De 15 de julho de 1817 a 14 de junho de 1820 viajaram, pesquisando fauna, flora, costumes, hábitos, a vida social brasileira, com interesse, compreensão e tolerância. Visitaram Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, o nordeste, Pará e Amazonas. Martius, cuja bibliografia, especialmente rica na sua especialidade é de universal renome, é credor da gratidão brasileira por haver iniciado a sistemática dos estudos da glotologia indígena e também sobre as palmeiras. (CASCUDO, 2001, p. 93).

Entre as narrativas escolhidas encontram-se a dança dos Puris, que remeteu Von Martius inicialmente a um quadro melancólico, nostálgico de um paraíso perdido no passado. Se no começo do ritual a melodia remetia a um tom tristonho, queixoso, a excitação aumentou progressivamente, tomando outro rumo até chegar a movimentos ritmados e fortes que foram associados aos instintos sexuais. A festividade de homenagem à aclamação do rei D. João VI em 1818, recheada de simbologia patriótica ocorrida em Tejuco, no Distrito Diamantino chamou a atenção do botânico, que elogiou “o tato perfeito e fino sentimento do sertanejo brasileiro” (Martius apud Cascudo, 2001, p.95). O evento envolveu teatro, coro, danças portuguesa, das índias orientais e dos negros, arlequins, pintura representando o gênio do Brasil, cujo autor foi elogiado por Martius pela proporcionalidade e colorido, cavalgadas de combate entre cristãos e mouros. Além disso, foi narrada a celebração dos negros da ocasião patriótica, com a escolha de Rei Congo e Rainha Xinga, devidamente reconhecidos pelas autoridades religiosa e política locais. A história da índia Venância, contada a ele no rio diversas vezes na região entre Macapá e a Ilha Marajó comoveu Von Martius, pela coragem e persistência dela de navegar com o filho em uma prancha para reencontrar o ser amado separado por ordem superior para realização de expedição pelo Rio Negro.

O inglês Alfred Wallace é outro exemplo de pesquisador botânico e zoológico que dedicou ao estudo da natureza amazônica, junto com o entomologista Henry Bates. Em 1853 publicou a obra que foi traduzida como *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*.⁴ Na narrativa está o relato da dança da cobra, realizada pelos indígenas do rio Uaupés, que era feita com duas enormes cobras artificiais feitas de capim e palha, enroladas em cipós, com enorme cabeça de feixe de folhas de embaúba, pintadas com cor vermelha bem viva para despertar a sensação de similaridade. Os movimentos das serpentes eram imitados e se aproximavam das casas, sendo a dança concluída com o confronto entre elas. Relatou também Wallace a música do diabo, ou jurupari, praticada pelos índios Uaupés. O ritual se iniciava com a bebida caxirí, e na sequência uma turma de oito índios tocava um instrumento feito de cascas de árvore, que

⁴A edição brasileira teve prefácio de Basílio de Magalhães, sendo parte da Coleção Brasileira.

foi Wallace associado ao fagote. Chamou a atenção do inglês que nenhuma mulher poderia presenciar o evento, o que era considerado extremamente perigoso pela tradição local e punível com a morte por envenenamento executada muitas vezes pelos próprios familiares. O entomologista parceiro de Wallace na coleta de material zoológico e botânico para o Museu de Londres, Henry Bates, também se dedicou às narrativas do que observara em viagem. Relatou, dentre outros, a cantiga dos canoieiros do Amazonas destinada a quebrar a monotonia do lugar, tratando da vida solitária do rio e as aventuras da viagem; as festas populares de Santarém em 1849 que abrangiam brancos, índios e negros com música e dança; a crença que a formiga de fogo, que atacava sem clemência e levava ao abandono do lugar na região dos Tapajós, era nascida do sangue dos cabanos assassinados; o boto, animal que alimentava no Amazonas o imaginário, seria o conquistador que adquiria formas femininas para atrair rapazes para a água, que eram em seguida capturados quando nela adentravam.

Os exemplos apresentados no texto, coletados da seleção proposta por Câmara Cascudo para a obra *Antologia do Folclore Brasileiro*, forneceram uma ideia da diversidade de interesses e opiniões envolvidas nos relatos que compõem um mosaico que se voltou para a narrativa da cultura popular brasileira notadamente para um leitor geograficamente distante. Independente da intenção da organização da obra apresentada pelo professor e folclorista, e do posicionamento social de quem narra o observado a respeito do outro, as fontes de folclore apresentadas constituem um material marcado pela diversidade que deve ser valorizado dentro e fora do âmbito escolar para a promoção da cultura popular, incentivando a sociedade a se voltar para aquilo que é diferente e merece ser vivenciado como uma experiência cultural enriquecedora e de cultivo à tolerância. A problematização das opiniões contidas nas narrativas por autores de matriz de pensamento europeia é um exercício para o entendimento da formação social brasileira. O entendimento das relações de força das representações para o ordenamento social é uma chave importante para saber como é operada a construção das identidades sociais (CHARTIER, 1991, p. 183), possibilitando que novas representações possam surgir de forma a incentivar uma sociedade com maior abertura para a diversidade cultural. O acesso na atualidade às fontes folclóricas coletadas por Câmara Cascudo fornece uma base para que se possa atuar a partir da leitura da obra para a ação valorizadora das manifestações populares. Conforme Chartier (1996, p.78), a significação é construída a partir da experiência do leitor, sendo a leitura uma prática de criatividade e produção que não se encerra no conteúdo da obra lida. O acesso à diversidade folclórica proposta na obra pode

desta forma contribuir para novas vivências para a valorização da riqueza dos conteúdos populares presentes na construção da identidade nacional brasileira.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro** – 5ª. Ed. – São Paulo: Global, 2001.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: UNB, 1999, p.7-31.

CHARTIER, Roger. Do Livro à Leitura. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. “O mundo como Representação.” In: **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>. Acesso em: 30 de agosto de 2019.

GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Intelectuais, Mediação Cultural e Projetos Políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs). **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. 1ª. Ed. - Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

SILVA, Marcos. Cultura como Patrimônio Popular (Perspectivas de Câmara Cascudo). In: **Projeto História**, São Paulo, n.33, p. 195-204, dez. 2006.

SOUZA, Ricardo Luis de. **Identidade Nacional e Modernização na Historiografia Brasileira: o diálogo entre Romero, Euclides, Cascudo e Freyre**. Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.